
200 anos de Indústria no Brasil

de 1808 ao séc. XXI



Foto: Arquivo SESI

CNI 70 ANOS

INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E TENACIDADE

Foto: Miguel Ângelo



“A chegada da Família Real, em 1808, marca o início da história da indústria no Brasil. Um dos primeiros atos do príncipe-regente Don João VI foi revogar o decreto da rainha de Portugal, Maria I, que proibia a instalação de fábricas no Brasil colonial. Em dois séculos, os

industriais brasileiros construíram o principal parque manufatureiro da América do Sul, dando uma contribuição significativa para o desenvolvimento do país.

A Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil, organizada pela CNI, é o retrato da tenacidade, da engenhosidade e da criatividade dos industriais brasileiros. Mais do que isso, revela

a firme convicção de homens que, apesar dos obstáculos, não pouparam recursos nem talento para construir o país, que hoje se destaca no cenário internacional.

Produzimos uma variada gama de produtos industriais. Nossa pauta de exportações inclui desde itens tradicionais, como os têxteis, até produtos inovadores e de alto valor agregado, como aviões. A CNI, que está completando 70 anos de atuação, tem muito orgulho de trabalhar para a expansão da indústria brasileira. O fortalecimento da indústria representa mais empregos, mais desenvolvimento tecnológico e, sobretudo, a possibilidade de ampliar a presença do Brasil no mundo.”

*Armando Monteiro Neto,
presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)*

200 ANOS DE INDÚSTRIA NO BRASIL

Mostra que será aberta em 26 de março, no Museu do Automóvel, em Brasília, marca os 70 anos da CNI

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) realizará de 26 de março a 25 de maio a Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil. A mostra, que ocupará uma área de 1.250 metros quadrados do Museu do Automóvel, em Brasília, é parte da comemoração dos 70 anos da CNI. Na exposição, composta por 252 peças representativas da história da indústria, serão exibidos máquinas, objetos de decoração, roupas, carros, obras de arte, filmes, fotografias e outros, cedidos por colecionadores particulares, museus brasileiros e estrangeiros.

As peças revelam as mudanças ocorridas na indústria ao longo de dois séculos e as transformações dos costumes e dos hábitos da população, desde a chegada da Família Real ao Brasil. “A indústria é resultado da cultura e, por isso, não se pode separar o desenvolvimento industrial da evolução cultural”, afirma o curador da exposição, Julio Heilbron.

Dividida em 10 módulos, a linha do

tempo foi definida por uma equipe de 12 consultores, que trabalham nas áreas de história do Século 19, recuperação de documentos, pesquisa, cinema e fotografia, além de integrantes da Marinha e da Aeronáutica.

REFORMA

Para receber a exposição, o Museu do Automóvel passou por uma ampla reforma, que durou dois meses. A parte interna, anteriormente dividida em pavilhões, foi unificada e passou a ter a área de 1.250 metros quadrados. “Ampliamos a área interna em 40 metros quadrados e agora vamos trabalhar na climatização e na iluminação, que inclui mais de 300 refletores”, informa o diretor de produção da Exposição, Guilherme Bouças.

As obras incluem a pintura interna e a remodelação do piso do museu. A área externa foi revitalizada para receber a instalação de tendas, que servirão de apoio à exposição. O estacionamento terá

1.900 metros quadrados e comportará entre 80 e 90 carros, informa o engenheiro da CNI Marcos Mousinho. “Para a construção do estacionamento, tivemos o mínimo de impacto ambiental. Não houve, por exemplo, derrubada de árvores”, destaca.

A reforma, a montagem e a manutenção da exposição envolveram 175 pessoas. “A iniciativa da CNI em adequar as instalações do Museu do Automóvel para receber a Exposição 200 Anos da Indústria no Brasil é uma ação fascinante, representa um apoio à cultura brasileira”, afirma Heilbron.

PROGRAMAÇÃO

Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil

De 25 de março a 25 de maio de 2008

Museu do Automóvel

(Setor de Garagens e Oficinas Norte, Quadra 1,
Lotes 180/200 - Brasília/DF)

Horário de visitação do público: das 10h às 20h,
a partir de 26 de março

Entrada gratuita

CNI 70 ANOS

Fundada em 12 de agosto de 1938, a CNI surgiu a partir da criação da Confederação Industrial do Brasil, datada de 1933, uma iniciativa de quatro federações de indústrias: São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Um de seus primeiros desafios foi ajudar o país, depois da Segunda Guerra Mundial, com a elaboração de estudos sobre o planejamento das atividades produtivas, defesa do trabalho nacional e reequipamento do parque industrial.

Nos anos 40, a CNI ocupou-se da formação de mão-de-obra para a indústria. A instituição criou, em 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), e, em 1946, o Serviço Social da Indústria (SESI). Assim foram estabelecidos os fundamentos de um sistema capaz de fomentar o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Em 1969, a CNI criou o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), para promover a interação entre a indústria e as universidades.

Dos anos 40 aos 80, a CNI concentrou esforços na diversificação do parque industrial brasileiro. A partir de 1988, seu foco passou a ser a competitividade do produto brasileiro, a inserção das empresas no mercado internacional e a redução do Custo Brasil.

Até o final dos anos 90, a CNI trabalhou para consolidar o parque industrial do país. Apoiou empresas na abertura comercial, colaborou para o aperfeiçoamento tecnológico da indústria nacional e lançou campanhas pela competitividade internacional do produto brasileiro. Em 1995, organizou o seminário *Custo Brasil: Diálogo com o Congresso Nacional*, para discutir decisões no legislativo federal para incrementar a competitividade industrial.

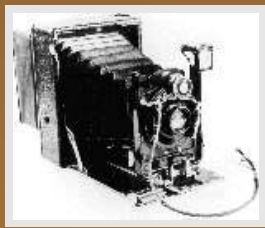
A partir do seminário, a CNI lançou, em 1996, a Agenda Legislativa da Indústria, para o acompanhamento de proposições cuja aprovação, rejeição ou alteração teria impacto sobre o Custo Brasil.

Prestes a completar 70 anos de atividades, a CNI defende reformas institucionais que levem o país a crescer com eficiência e inclusão. Para isso, uma das principais colaborações da instituição está no desenvolvimento do Mapa Estratégico da Indústria 2007-2015, com metas e programas capazes de consolidar o Brasil como uma economia competitiva e, principalmente, com um sistema de gestão para o acompanhamento de sua implementação e evolução dos indicadores dos desafios propostos para 2015.



Foto: Arquivo SESI

A evolução industrial e OS costumes



Fotos: Arquivo SESI

Não é novidade para ninguém que a evolução da indústria afeta diretamente a vida das pessoas, impõe novos costumes e hábitos. A câmera fotográfica pode ser considerada um exemplo, pois ganhou espaço, importância, tornou-se indispensável por uns e está presente nos mais diversos celulares e aparelhos.

Criada em 1822 pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, a câmera fotográfica é, de acordo com o historiador Clóvis Molinari, a maior invenção desde o surgimento da indústria. Na opinião dele, os objetos que compõem o equipamento foram precursores de tecnologias presentes ainda hoje. Como a caixa escura que, por meio de um orifício, torna possível projetar o mundo. “Você consegue extrair todo o mundo projetado num quadrado, num retângulo, representado numa chapa de vidro ou num acetato. E essa caixa criada no século 19, é a mesma presente no tubo de televisão, do computador, mesmo os atuais com formatos de tela plana”, afirma.

A grande invenção e outros modelos de máquinas fotográficas, surgidas ao longo dos anos, estão expostas na mostra. O objetivo é contar a trajetória do setor industrial desde a chegada da Família Real, que possibilitou a assinatura do decreto de 1828 e permitiu a instalação de manufaturas no país até hoje. Na exposição, será possível perceber o impacto que a evolução industrial provocou na forma de vestir, de comer, nos costumes, nos hábitos das pessoas.

TRANSFORMAÇÃO NAS ARTES – Com o surgimento da máquina fotográfica, por exemplo, as artes plásticas sofreram

uma grande interferência. Os artistas tentavam reproduzir o mundo pela pintura e tiveram que inovar nos trabalhos para concorrer com a foto que registrava objetos e momentos de forma fiel. “Dentro de uma caixa o mundo se tornou dinâmico, assim como o computador em que podemos escrever, acessar uma imagem, se comunicar, ver uma pessoa em outra parte do planeta e trabalhar em tempo real”, descreve Molinari.

Para contar essa história maquinários, objetos de decoração, roupas, carros, artes plásticas, cinema, fotografias, estarão divididos em linha cronológica. “Em 200 anos, alcançamos um nível tecnológico de primeira linha no mundo. Aviões brasileiros estão voando em qualquer lugar, nossas máquinas são levadas ao mundo todo. Temos uma tradição de invenções, nosso povo sabe pegar as idéias e transformá-las em novidade”, afirma o curador da exposição, Julio Heilbron.

“Quisemos mostrar as máquinas, desde a movimentação de água até a geração de energia, além das primeiras formas de transporte a vapor, o surgimento dos eletrodomésticos”, diz Molinari, que durante a pesquisa se preocupou em mostrar o início do consumismo devido à oferta de produtos industrializados. Foi a partir da década de 40 que as pessoas passaram a consumir com mais voracidade, principalmente as famílias de classe média. “O encantamento das pessoas pelos rádios, televisores, liquidificador, ferro de passar roupa, pelas lambretas poderá ser percebido na exposição. Essa rotatividade dos eletrodomésticos foi o início do que hoje se entende por capitalismo contemporâneo.”

A influência na moda

A moda reflete a sociedade e seu comportamento ao longo de uma época. No Brasil, surgiu em 1808 com a vinda da Família Real, que ao desembarcar trouxe também a inspiração no vestir. “Chegamos ao que somos hoje graças à Família Real, que acabou com proibições e trouxe a moda. As novidades vieram após a abertura dos portos, com os tratados assinados por Dom João, que acabaram com a proibição da manufatura”, afirma a curadora de têxteis do Museu Histórico do Rio de Janeiro, Vera Lima.

Com o decreto que permitiu a instalação de indústrias, dá-se início a uma trajetória que completa dois séculos e que é contada na Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil. A primeira das peças apresentadas é um vestido estilo imperial, réplica do modelo usado pela Família Real em 1808, que tem como característica a cintura alta, logo abaixo do busto.

“Vamos voltar ao tempo e sonhar. A exposição mostrará o que nós alcançamos e a evolução do setor têxtil”, diz Vera. Segundo ela, será possível perceber como as decisões políticas implicaram o surgimento da moda. A Lei Eusébio de Queirós, assinada em setembro de 1850, que proibiu o tráfico de escravos, foi um exemplo. “Os capitais aplicados na compra de escravos ficaram disponíveis e passaram a ser usados no setor industrial”, destaca.

O investimento resultou na primeira evolução da moda, retratado num vestido de 1860. Formado por corpete de veludo bordado e saia, teve como novidade o uso da crinolina, uma saia com arames costurados, que davam formato desejado à roupa e era mais leve que as anáguas usadas anteriormente. “Eram pelo menos seis anáguas. Com a invenção da crinolina, o vestido fica leve, bem arredondado”, explica Vera.

Depois, foi a expansão da cafeicultura que contribuiu com o setor têxtil e impulsionou a criação. Como dependia de mão-de-obra, a contratação de trabalhadores para as lavouras aumentou o poder de compra da população. “Isso ajudou na vinda de imigrantes que trouxeram novas técnicas para



produção de manufaturados. Foi a primeira massa assalariada do país, mercado consumidor indispensável ao desenvolvimento industrial”, descreve Vera. A Guerra da Secessão, ocorrida nos Estados Unidos entre 1861 e 1865, também favoreceu a indústria têxtil devido à maior demanda por algodão.

Dos anos 50, foi trazido um vestido da Casa Canadá que homenageia o então presidente, Juscelino Kubitschek. Inspirado num look Dior de 1947, o vestido tomara-que-caia tem saia farta e rodada. “Anteriormente, houve racionamento de tecido na Europa, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, e essa peça marca a volta da feminilidade. É um vestido bordado, de baile, feito com tule de nylon usado na alta costura”, diz Vera.

Outro destaque é um vestido Dener de 1959, feito em crepe georgette. Dener Pamplona de Abreu foi o precursor da alta-costura brasileira e criava peças para socialites. “A peça tem um plissado exclusivo do ateliê de Dener, era feito por uma japonesa e faz uma releitura da antiguidade clássica”.

Dos anos 70, foi trazida uma peça considerada ícone porque revolucionou a produção da moda, com o uso do algodão.

Influenciado pela moda hippie que predominava nas ruas, os costureiros e estilistas se apoderaram dessa tendência e criam o hippie chique.

Dos dias atuais, estará exposto um vestido de Alexandre Herchovitch criado em 2000 e que marca a era da tecnologia têxtil. É feita em gazar de seda, possui microcápsulas que mudam de cor de acordo com a luz do sol e das boates. Haverá ainda um vestido cedido pelo estilista Tufi Duek, chamado perfil de Brasília. A peça integra a coleção de 2007 do estilista que homenageou Oscar Niemeyer. É um vestido de seda pura, preto, todo em camadas, que tem cortado em baquelite, resina plástica brilhante, as colunas que representam do Palácio da Alvorada. “Hoje vivemos a era da tecnologia têxtil. A moda tem criações exclusivas e outras, inspiradas em décadas passadas. É performance, sempre volta ao tempo”, conclui Vera.

Paixão nacional

Apenas uma porta na frente, potência para atingir 80 quilômetros por hora e autonomia de 25 quilômetros com um litro de gasolina. A combinação fez do Romi-Isetta o carro queridinho do Brasil entre 1956 e 1961. Primeiro automóvel montado no país, o Romi-Isetta está na Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil.

Entre as 252 peças vindas do país e do exterior estarão quatro carros raros que representam a evolução da indústria automobilística. “As pessoas se surpreenderão em saber que o automóvel não foi apenas objeto de mobilidade, mas uma alavanca de desenvolvimento industrial”, afirma o administrador do Museu do Automóvel, José Roberto Nasser.

A tecnologia dos carros serviu de base para a criação de liquidificadores e banheiras de hidromassagem. “Esses carros têm uma peça que gera energia chamada alternador. Se você pega essa peça, coloca uma hélice em uma caixa com botão e tomada, você tem um liquidificador”, diz Nasser. Alguns equipamentos, peças e carros do Museu do Automóvel foram cedidos à exposição da CNI. “Tem moldes para motores, bomba de gasolina, latas de combustível e polidores da década de 20 e o motor de um Gurgel.”

O destaque é um JK-FNM, da Fábrica Nacional de Motores, baseado no Alfa Romeo, de origem italiana. O carro, lançado em 1960, foi batizado com a sigla famosa JK do nome do então presidente, Juscelino Kubitschek. A procura pelos primeiros modelos foi grande, mas a produção era pequena. Com motor de quatro cilindros, duplo comando no cabeçote, câmbio de cinco marchas e suspensão estável, o JK era superior aos concorrentes e ganhou status de supercarro.



Ford Modelo T,
versão Grassi
Sportsman, 1920



Romi - Isetta
Primeiro automóvel
montado no país

Outro destaque é o jipe Candango, que presta uma homenagem aos trabalhadores que ergueram Brasília. O Ford modelo T, conhecido no Brasil como Ford Bigode, que revolucionou a indústria automobilística, também

integrará a exposição. Sua fabricação durou 19 anos, de 1908 a 1927. “Ele chegou ao país em 1920 e é a mais antiga intervenção da mão brasileira em automóvel. Recebeu uma carroceria especial feita aqui”, afirma Nasser.

A indústria cinematográfica

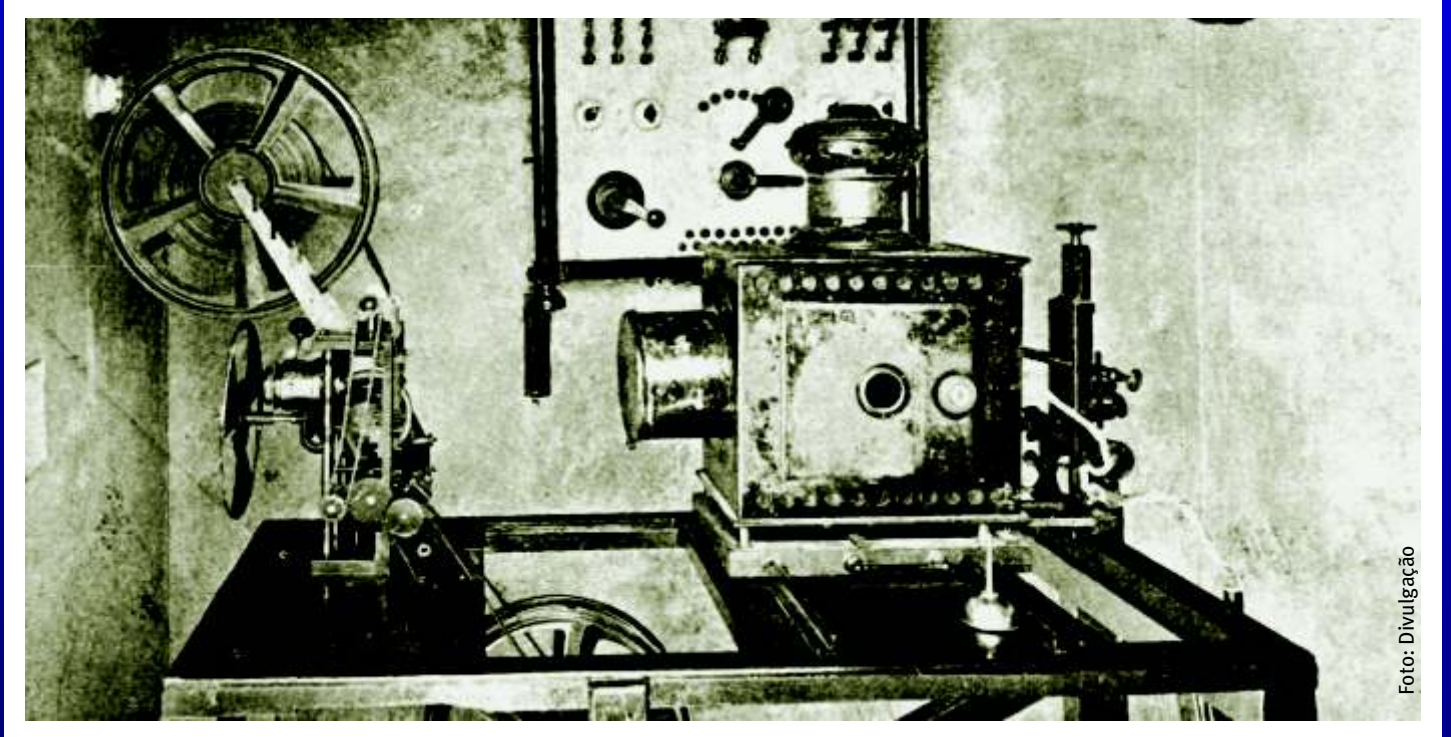


Foto: Divulgação

Assistir de camarote a primeira corrida de carros realizada no Brasil parece privilégio de poucos, mas a disputa realizada em 26 de julho de 1909, em Itapeverica da Serra, São Paulo, poderá ser vista não apenas por amantes do automobilismo. O filme, uma relíquia, é um dos destaques da exposição 200 anos da Indústria no Brasil. O vencedor da corrida, organizada pelo Automóvel Club de São Paulo, foi Sylvio Álvares Penteado, pilotando um Fiat de 40 cavalos. O campeão foi festejado por uma multidão de 10 mil pessoas.

A evolução do cinema nacional com o desenvolvimento da indústria também será destaque, contado por meio de filmes. “Acho que as pessoas vão ficar encantadas porque poderão ver os carros antigos, os costumes do povo e a forma como as pessoas se vestiam na época. Cada filme é uma surpresa”, afirma o historiador Jurandyr Noronha.

Filho de militar e amante do cinema desde criança, Noronha especializou-se na área e afirma que a indústria teve um papel fundamental. Contribuiu não apenas apresentando tecnologias que facilitaram a filmagem, edição e exibição dos filmes, mas porque desde os primórdios atuou também como patrocinadora de produções cinematográficas.

Outro filme que poderá ser visto na exposição é o documentário sobre o centenário da independência do Brasil, comemorado em 1922. O então presidente da República,

Epitácio Pessoa, mandou preparar uma grande festa, com uma exposição que mostrava o Grito do Ipiranga, ocorrido em 7 de setembro de 1822, às margens do riacho Ipiranga, em São Paulo. “Os cinegrafistas registraram tudo. As pessoas que visitarem a exposição da CNI poderão assistir à festa realizada em 1922. Tudo graças à indústria, que sempre andou ao lado do cinema brasileiro.”

Aos 92 anos, o historiador se emociona ao lembrar que um ano depois do centenário o cinema brasileiro passou a contar com apoio governamental. “O cinema sempre existiu e a luta pela realização de um filme se deu em várias partes do país, sobretudo em São Paulo e Recife. Mas a partir de 1923, quando foi promulgada a primeira lei de proteção ao cinema, vimos surgir muitos idealizadores, cinegrafistas, laboratoristas, além da construção de câmaras e copiadoras”, lembra Noronha.

A exposição ocupará uma área de 1.250 metros quadrados do Museu. Dividida em 10 módulos, contextualiza por meio de uma linha do tempo, o processo de industrialização no país. São 252 peças vindas de acervos particulares e de museus nacionais e do exterior. A seleção ficou por conta de 12 consultores e do curador da mostra Julio Heilbron. “É necessário que o povo conheça a sua indústria porque ela faz parte da cultura”, afirma Heilbron.

Grupos escolares Visitam a exposição

Seis mil estudantes de escolas públicas e privadas do Distrito Federal devem visitar a Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil. O Serviço Social da Indústria (SESI), organização integrante do Sistema Indústria, é responsável pelas visitas dos alunos e capacitação dos professores. A instituição oferecerá transporte, lanches e kits educativos aos alunos. Um livreto personalizado sobre a exposição, com foto de cada grupo escolar na capa, e uma edição especial da revista do Sesi sobre os 200 anos da indústria no país estão incluídos no kit educativo.

A idéia é inserir o assunto nos debates em sala de aula, abordando aspectos históricos, artísticos e culturais da industrialização no país. A visita de cada grupo deve durar, em média, uma hora. "Os estudantes e professores serão acompanhados por um guia, e atores apresentarão a exposição, encenando esquetes que representam momentos históricos da evolução industrial e seu impacto social, econômico e cultural", diz a gerente de Cultura do Sesi, Cláudia Ramalho.

O historiador Clovis Molinari informa que, na visita à Exposição, os estudantes terão a dimensão concreta dos materiais, das máquinas e objetos. "É importante ir além e não apenas ouvir falar de máquinas, de pessoas que andavam de chapéu e saber que o número de obesos no início do século era quase zero", afirma Molinari.

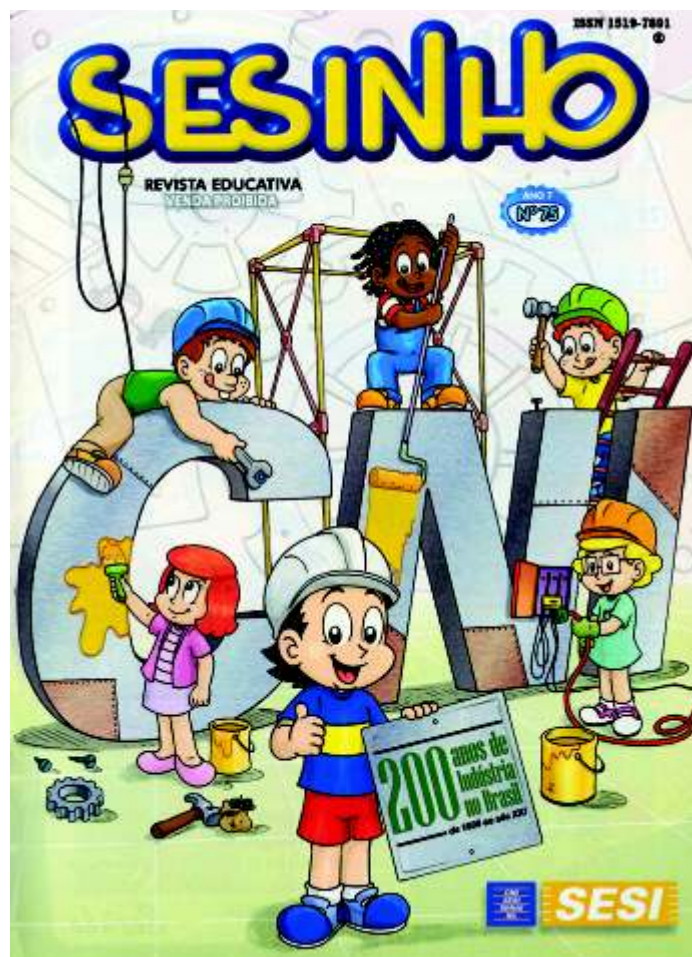
CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES – Palestras para 600 professores na sede da CNI, em Brasília, no dia 2 de abril, abordarão a influência da industrialização no cotidiano do brasileiro ao longo dos anos. O objetivo é auxiliar os professores a traçarem um panorama entre o desenvolvimento econômico e cultural do país e o crescimento da indústria. Entre os participantes da capacitação para professores estão o gerente-executivo de Cooperação Internacional da CNI, Renato Caporali, que coordena a Comissão 200 Anos de Indústria no Brasil, e o curador da mostra, Júlio Heilbron.

Na Europa, lembra Heilbron, normalmente, se faz capacitações com professores antes da exposição para preparar a visita dos alunos. "É a melhor técnica de visita a exposições."

O professor Marcus Venício Toledo, da Fundação Biblioteca Nacional, fará palestra sobre como a iniciativa empresarial concorreu para o desenvolvimento social, econômico e cultural do país. As questões políticas, históricas e culturais que envolveram o processo de industrialização do Brasil serão

abordadas pelo professor de História da Arte da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Elmer Corrêa Barbosa.

A gerente de Cultura do Serviço Social da Indústria (SESI), Cláudia Ramalho, explica que a capacitação dos professores e a visita de alunos à Exposição 200 Anos de Indústria no Brasil estimularão também a discussão em aula de questões como inovação e empreendedorismo. "Não só alunos, mas professores poderão empreender em novas metodologias de ensino. Os docentes, de forma geral, são carentes de oportunidades educativas como essa", afirma Cláudia Ramalho.



Expediente

Unidade de Comunicação Social (UNICOM)
Confederação Nacional da Indústria
Contatos: (61) 3317-9562 / 3317-9972
imprensa@cni.org.br